



A EDUCAÇÃO HOLÍSTICA DE ELLEN WHITE: SITZ IM LEBEN E APONTAMENTOS INICIAIS

Fábio Augusto Darius - EST¹

Rebeca Pizza Pancotte - UEM²

Resumo: O presente artigo visa apresentar e contextualizar historicamente a proposta educacional da estadunidense Ellen White (1827-1915) concebida no âmago da Guerra Civil e da reforma na educação dos Estados Unidos nos anos 1860. Seus escritos – mais de cem mil páginas manuscritas em quase noventa anos de existência – abordam temas aparentemente tão díspares quanto teologia geral, escatologia, estilo de vida, saúde, história e educação. Contudo, a obra whiteana, embora dialética e assistemática, é teleológica e visa eminentemente a redenção humana. É sob este viés professante redentivo e, para além da religião, também libertador, que seus escritos educacionais, integram educação física, mental e moral, constituindo corpo privilegiado de conhecimento vivencial.

Palavras chave: Contemporaneidade; educação; religião.

1 Introdução: (*Sitz im Leben*³ e apontamentos biográficos significativos)

De acordo com o historiador marxista Eric Hobsbawn, o breve século XX começou tardiamente, apenas em 1914 com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, ou Grande Guerra, para os europeus⁴. Sua reclassificação cronológica não é metafórica, com o intuito de apontar de forma direta o conflito fundante do período passado: o século XX, ao efetivamente desabrochar, decepcionou aqueles que, vislumbrando o anterior, esperavam dele – sem exageros – a plenitude

¹ O autor, historiador pela Universidade Regional de Blumenau (FURB) é mestre e doutorando em Teologia e História pela Escola Superior de Teologia (EST). Sua pesquisa trata a teleologia da obra dialética da escritora estadunidense Ellen White. Contato: augustodarius@gmail.com

² A autora, pedagoga pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) é mestranda em Educação pela mesma instituição. Seu trabalho aborda a educação escolar e a formação humana sob a perspectiva do materialismo histórico dialético. Contato: rebecapizz@gmail.com

³ É sabido que o termo alemão utilizado tanto no título quanto nesta introdução foi originalmente utilizado pelos teólogos alemães para contextualizar trechos bíblicos, podendo ser traduzido por “contexto vital”. No entanto, como a vida e os escritos de Ellen White não podem ser estudados longe do contexto religioso de sua época e toda sua existência foi pautada pela história e teologia bíblica, o termo não parece inadequado.

⁴ Vide introdução da obra: HOBBSAWM, Eric John. **Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

dos tempos⁵. Talvez tenha sido o também historiador Geoffrey Blainey aquele que melhor sintetizou o sentimento dos que nutriam esperanças pelo século nascente: “Tanto havia sido conquistado no século anterior, que parecia sensato acreditar que dali em diante os êxitos do mundo em muito superaríamos os desastres⁶.” Efetivamente, não é sem razão que o século XIX é comumente conhecido como “o século da História⁷”, tanto por seu desenvolvimento material e espiritual quanto pelo surgimento da disciplina História em si mesma, com todas as implicações exigidas.

Que triste contraste, porém, entre a insólita perspectiva e a crua realidade! As mesmas fábricas que antes moldavam o fascinante e inexorável progresso agora fundiam as bombas que destruíam não apenas os sonhos, mas também milhões de almas. O niilismo professado pelo existencialista Nietzsche, que curiosamente pereceu apenas poucos meses antes do nascer do século das grandes guerras, difundiu-se grandemente nos campos de batalha e além, tomando de surpresa até alguns membros da casta dos doutos cristãos. Paul Tillich, nascido em um lar luterano, doutor em Filosofia e capelão do exército alemão na I Guerra Mundial, assim escreveu acerca de sua transformação ocorrida ao participar da batalha de Champagne, em 1915: “Naquela noite, grande parte da minha filosofia clássica ruiu em pedaços. A convicção de que o homem fosse capaz de apossar-se da essência do seu ser, a doutrina da identidade entre a essência e existência⁸.” Diante de tamanhas atrocidades, a frase clássica de Nietzsche “o homem é algo a ser superado⁹” parecia mais do que um oráculo proferido por Zarathustra, mas sentença incondicional.

⁵ Embora o termo “plenitude dos tempos” possa parecer exagero, o racionalista Hippolyte Léon Denizard Rivail, sob o pseudônimo Allan Kardec assim compilou em sua Revista Espírita, de agosto de 1867: “Oh! quanto a face do mundo será mudada para aqueles que verão o começo do século próximo!... Quantas ruínas verão atrás de si, e que horizontes esplêndidos se ruídos, aos tumultos, aos rugidos da tempestade sucederão os cantos de alegria; após as abrirão diante deles!... isso será como a aurora pisoteando as sombras da noite;... as angústias, os homens renascerão para a esperança... Sim! o vigésimo século será um século bendito, porque verá a era nova anunciada pelo Cristo.” (KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 1999, p.173.). De acordo com HOBBS, Eric John. **A Era do Capital**. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 351, “de fato, às vezes chegaram a pensar que essas conquistas não eram impressionantes, mas também finais”.

⁶ BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do século XX**. São Paulo: Fundamento Educacional, 2008, introdução.

⁷ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **Entre amadorismo e profissionalismo**: as tensões da prática histórica no século XIX. In: Topoi - Revista de História do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ. Rio de Janeiro, dezembro 2002, p.184-200. Disponível em http://revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi05/topoi5a7.pdf. Acessado em 31 de janeiro de 2012.

⁸ TILLICH, Paul. *To be or not to be*, *Time Magazine*, 16/3/1959, vol. LXXIII, no.11, p.47ss In: TILLICH, Paul. **Teologia da Cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009, p.10.

⁹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falava Zarathustra**: um livro para todos e para ninguém. São Paulo, Escala, 200-, p.41.

Ellen White pereceu precisamente em 16 de julho de 1915, em Santa Helena, Califórnia, Estados Unidos, aos 88 anos. Do outro lado do Atlântico, teve início da Segunda Batalha Isonzo e no ano seguinte, em Verdun, se daria uma das piores batalhas da história da Humanidade. Seu país entraria no conflito com um exército expedicionário pouco tempo depois. Contudo, em 1827, ano de seu nascimento, o mundo parecia caminhar por melhores trilhas. Apenas três anos antes, um totalmente surdo Beethoven – que assim como ela também encontraria a morte em 1827 – surpreenderia sua plateia ao apresentar o quarto movimento de sua última sinfonia entoada por um grande coral, algo nunca visto até então em uma sinfonia. Nada menos que Schiller era cantado por aquelas vozes, um “ode à alegria e à amizade”. Era o romantismo europeu, em sua vertente alemã, que logo chegaria aos Estados Unidos pelo inglês transcendental Ralph Waldo Emerson e tantos outros. Napoleão Bonaparte há muito descansava em seu túmulo em 1827, mas suas ações ecoavam pelo mundo chamado civilizado. Hegel o apontaria como o personificador do próprio *Zeitgeist*, aquele que levou a história a um estágio seguinte de desenvolvimento. Certamente, o progresso do espírito também pôde ser visto na Revolução Americana, ocorrida na geração anterior a Ellen White. À sua época, seu jovem país procurava por identidade.

Portanto, em tempos de inegáveis progressos revolucionários e tecnológicos, nasceu Ellen White, no Norte dos Estados Unidos, Nova Inglaterra, próximo de Portland, Maine, uma grande cidade para os padrões da época, com mais de 15 mil habitantes. A população de sua região, grosso modo, atesta as linhas gerais da personalidade de White: “fervor religioso, veemente busca pela verdade, obstinada independência, austeridade espartana, desembaraço, simplicidade, resoluta autonomia e uma propensão para aderir a causas impopulares e lutar por elas¹⁰.”

Politicamente, seu país crescia a olhos vistos, pulando de 5 para 20 milhões de pessoas entre 1800 e 1850. Cresciam também as tensões raciais, sejam elas relacionadas aos imigrantes europeus, sejam relacionadas à escravidão negra. Socialmente, expandiu-se o individualismo, fruto direto das revoluções burguesas. Os clubes de temperança pululavam em vários estados, com o intuito de diminuir o consumo de bebidas alcoólicas, exageradamente alto. Sob o ponto de vista educacional, informa-nos Douglass (2003)

¹⁰ HOYT, Frederick. Ellen White's Hometown: Portland, Maine, 1827-1846. In: DOUGLASS, Herbert. **Mensageira do Senhor: o ministério profético de Ellen G. White**. 3ª. Edição. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003, p. 46.

estava-se instaurando “um sistema escolar progressista para estudantes entre os quatro e os 21 anos de idade. Depois da escola primária básica [4 anos de estudo], o estudante podia entrar para a escola primária superior [4 anos de estudo], chamada *Grammar school*, após um exame público. A educação gratuita para as meninas, contudo, acabava na escola primária superior, enquanto os meninos podiam prosseguir na escola secundária [4 anos de estudo], que se especializava no ensino avançado do inglês, depois de passar noutro exame público¹¹.

Contudo, Ellen White pouco pôde aproveitar esse sistema ou mesmo sua infância. Aos nove anos de idade, por fato desconhecido, “qualquer futilidade,¹²” ela foi apedrejada, ficando gravemente ferida. Apesar de seus esforços, não mais frequentaria a escola formal novamente, exceto por um breve período, espécie de tentativa frustrada de realocação. Suas próprias professoras aconselharam-na a abandonar os estudos, sendo esta, segundo ela, “a mais forte luta de minha juventude, ceder à fraqueza e decidir que deveria abandonar os estudos e renunciar a toda esperança de instruir-me¹³.”

Eis, portanto, sua primeira grande frustração ainda na infância. Em virtude desse fato principal, mas não apenas, a partir de março de 1840, quando da visita de Guilherme Miller¹⁴ – um pregador batista leigo que apontou a volta de Cristo literal nas nuvens do céu para algum dia entre 1843 e 1844 – ela foi “revivida espiritualmente”. A esperança da volta de Cristo, perpetrada a partir do genericamente chamado “movimento do advento”, mudou seu posicionamento perante

¹¹ DOUGLASS, 2003, p.45

¹² A história de seu acidente de infância pode ser lida com mais detalhes em: WHITE, Ellen. **Vida e Ensinos**. 10ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000, p. 13-15.

¹³ WHITE, 2000, p.15

¹⁴ Guilherme Miller, Joseph Smith, as irmãs Fox, Charles Russel, Mary Backer Eddy e uma série de outros, incluindo a própria Ellen White constituíram o cenário religioso estadunidense no século XIX. O primeiro, Miller, atingiu o ápice de suas pregações entre 1840-1844 ao tratar racionalmente (e de forma linear) acerca das profecias bíblicas veterotestamentárias de Daniel em conexão com o Apocalipse de João, no Novo Testamento. Seu público, em alguma medida, foi constituído por aqueles que, já letrados, agora descobriam a matemática (em voga desde os tempos da Independência) e queriam acompanhar o raciocínio de Miller, a despeito de suas predições. (Conforme NOLL, Mark. **A History of christianity in the United States and Canada**. Grand Rapids, Michigan: Willian B. Eerdmans Publishing Company, 1992, p.192) Joseph Smith, na cidade de Palmyra, Nova Iorque, fundou nos anos 1830 a primeira igreja genuinamente estadunidense, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, ou mórmons. As irmãs Fox, há apenas 18 quilômetros distantes da cidade de Smith, em Hydesville receberam os primeiros sinais daquele movimento que ficaria conhecido como o moderno espiritismo. Charles Russel fundaria uma denominação hoje conhecida como Testemunhas de Jeová, antigos Estudantes da Bíblia, nos anos 1870. Por sua vez, Mary Backer Eddy, seria a fundadora da Ciência Cristã, aliando, como o espiritismo, ciência e religião. Finalmente, Ellen White seria a cofundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, institucionaliza nos anos 1860, década da reforma educacional estadunidense e de seus primeiros escritos sobre o tema.

a vida e sua família, metodista por quatro décadas, foi expulsa da igreja em prol dessa crença. Indubitavelmente todos os seus escritos acerca dos mais diferentes temas, tais como teologia geral, escatologia, estilo de vida, saúde, história e educação foram fortemente influenciados por ela. Em seus escritos sobre educação, nem mesmo as novas influências progressistas, o advento do marxismo em 1844, o nascimento do espiritismo moderno em 1848 e do darwinismo em 1858 fizeram com que ela mudasse a base de seu pensamento, fundamentada no estudo bíblico e tendo como tema principal a santificação e redenção do ser humano.

2 A educação estadunidense no século XIX e a reforma educacional dos anos 1860 (contexto)

O propalado “século da História”, como anteriormente visualizado, proporcionou indubitáveis progressos e gerou as mais distintas reformas nos Estados Unidos, que acompanhavam de perto a efervescência europeia¹⁵. Henry Steele Commager, historiador que traçou o moderno liberalismo nos Estados Unidos no século XX escreveu acerca desse ímpeto, de acordo com Knight (1998):

Foi um dia de reforma universal – um dia em que quase todos os homens que você conheceu poderiam traçar um plano para uma nova sociedade ou um novo governo [...]; um dia de esperança infinita e infinito descontentamento¹⁶.

Entre essas reformas – que incluíam a saúde, temperança e estilo de vida – a educação estava listada como prioridade. Percebeu-se urgente naquele país a premissa da necessidade de educação universal como elemento fundamental para construção da jovem nação. Desde muito antes da primeira Revolução, a qual efetivamente libertou os estadunidenses do jugo britânico, a mente colonial tinha suas raízes bem fincadas em um puritanismo nada incipiente que direcionava uma educação à austeridade do árduo trabalho intercalado a leitura da Bíblia, que em

¹⁵ A esse respeito, citamos KARNAL, Leonardo (et al.) **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2008, p. 117: “A valorização da ciência, da razão e dos métodos, tão comuns nos estudos sobre o século XIX europeu, também pode ser observada na América do Norte. Os exemplos do crescimento da indústria, das ferrovias e o forte sentimento nacionalista, observado nas tentativas de expansão territorial e nos conflitos externos, mostram como os Estados Unidos, de alguma forma, compartilhavam esses valores do período.

¹⁶ KNIGHT, George R. **Ellen Whites World**: a fascinating look at the times in which she lived. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1998, p. 28. Conforme o original: “It was a day of universal reform - a day when almost every man you met might draw a plan for a new society or a new government from his pocket; a day of infinite hope and infinite discontent.” (A tradução é nossa)

muitos casos era o livro didático por excelência¹⁷. De todo modo, esperava-se de um jovem instruído a compreensão conceitual de tópicos gerais da filosofia ocidental, bem como o domínio das línguas clássicas e a recitação de poemas, enquanto as garotas das classes mais privilegiadas, no final do XVIII e XIX, divertiriam plateias domésticas dedilhando piano¹⁸. No entanto, os novos tempos pareciam exigir uma nova proposta educacional, mais moderna e adaptada às demandas de um planeta em rápida transformação.

A América do Norte e a Europa vivenciavam os primeiros tempos do “progresso do espírito”, passando de um estágio de desenvolvimento a outro, conforme Hegel. Por esse motivo, se fez preciso refletir acerca dos parâmetros educacionais vigentes. Ao se perceberem nesse novo estágio – empoderados - mais claramente perceberam a importância da educação, para mais do que simplesmente instruir mas “também transmitir os valores de uma sociedade democrática e proporcionar a todos igual acesso a tudo o que essa sociedade possa oferecer¹⁹”. Com isso, se mostraram cientes das conquistas revolucionárias, a ponto de legar essa aquisição às próximas gerações, pois “toda nação que atingiu certo estágio de desenvolvimento é instintivamente impelida à prática da educação. Educação é o processo pelo qual uma comunidade preserva e transmite suas características físicas e espiritual²⁰.”

A fim de equalizar a questão, no alvorecer do século XIX, a filosofia de alguns preeminentes pensadores europeus do calibre de Pestalozzi, Herbart e Montessori chegaram a influenciar algumas mentes, “mas pouco modificaram o contexto educacional daquela parte da

¹⁷ Essa particularidade não findou no século XIX e ainda hoje é percebida, principalmente quando se alude ao debate “Evolucionismo- Criacionismo”. No Estado americano de Ohio, naquele século viu o Oberlin College, misturara “trabalhos manuais com mais ênfase na instrução bíblica do que nos estudos clássicos tradicionais”. (DOUGLASS, 2003, p.345)

¹⁸ À título de curiosidade, Ellen White não condenaria este aprendizado, mas afirmaria que “Antes de os filhos tomarem lições de órgão e piano, deviam recebê-las de cozinha. O trabalho de aprender a cozinhar não precisa excluir a música, mas este é de menos importância que o aprender a preparar alimento saudável e apetitoso”. WHITE, Ellen. **Counsels on Diet and Foods**, 1938. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1976, p. 263 Conforme o original: “Before children take lessons on the organ or the piano they should be given lessons in cooking. The work of learning to cook need not exclude music, but to learn music is of less importance than to learn how to prepare food that is wholesome and appetizing”.

¹⁹ KEPPEL, Francis. **A Revolução Necessária na Educação Americana**. Rio de Janeiro: Forense, 1970, p. 16.

²⁰ JAEGER, Werner. **Paideia: los ideales de la cultura griega**. México: Fondo de Cultura Económica, 2001, p. 10. De acordo com o original: Todo pueblo que alcanza un cierto grado de desarrollo se halla naturalmente inclinado a practicar la educación. La educación es el principio mediante el cual la comunidad humana conserva y trasmite su peculiaridad física y espiritual.(A tradução é nossa.)

América do Norte²¹”. Ainda que Pestalozzi enfatizasse a “necessidade de exercícios físicos ao ar livre juntamente com o desenvolvimento da educação moral proporcionando equilíbrio ao ser humano autônomo²²”, Herbart pregasse a busca por conhecimentos lógicos (o entusiasmo popular pelas teorias de Guilherme Miller atestaram essa aquisição) e Maria Montessori²³ pregasse que a “uma concepção de educação que se estende além dos limites do acúmulo de informações²⁴” havia muito por fazer.

Foi efetivamente a partir de anos 1820 que a mudança educacional estadunidense teve início, com o ímpeto de Samuel Hall e as ideias de Horace Mann, primeiro inspetor escolar – no estado de Massachussets. Segundo Greenleaf (2009):

Foi durante esses anos que o sistema gratuito de escola pública tomou forma nos Estados Unidos. Começando em 1823, quando Samuel Hall exigiu melhor treinamento para professores primários, a iniciativa para aperfeiçoar as escolas financiadas publicamente ganhou impulso depois que Massachusetts nomeou Horace Mann, em 1837, como o primeiro inspetor estadual de educação²⁵

A percepção educacional de Mann não diferia em muito daquela proporcionada pelos franceses do século passado. Na verdade, “ele expressa uma fé no poder da educação que tinha crescido para além do século XVIII francês²⁶.” Segundo Mann:

Educação, então, além de todos os outros dispositivos de origem humana, é o grande equalizador das condições dos

²¹ DOUGLASS, 2003, p.344.

²² De acordo com JEDAN, Dieter. **Theory and Practice**: Johann Heinrich Pestalozzi. Vitae Scholasticae, vol. 9, 1990, p.115ss.

²³ O clássico conceito de educação de Montessori, como se verá posteriormente, não está em absoluto em contradição com a proposta whiteana. Diz Montessori que: “a educação é um processo natural de forma espontânea realizada pelo indivíduo humano, e é adquirido não por ouvir as palavras, mas pelas experiências sobre o meio ambiente.” Conforme o original: “education is a natural process spontaneously carried out by the human individual, and is acquired not by listening to words but by experiences upon the environment.” MONTESSORI, Maria. **Education for a New World**. Santa Barbara: ABC Clio, 1989, p.2

²⁴ FERRARI, Márcio. **Maria Montessori**: Segundo a visão pedagógica da pesquisadora italiana, o potencial de aprender está em cada um de nós. Disponível em <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/maria-montessori-307444.shtml>. Acessado em 1 de fevereiro de 2012.

²⁵ GREENLEAF, Floyd; SCHWARZ, Richard W. **Portadores de Luz**: História da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2009, p. 19

²⁶ KNIGHT, 1998, p. 42. Conforme o original: “He expressed a faith in the power of education that had grown out the eighteenth century French.” (A tradução é nossa.)

homens, - o equilíbrio da maquinaria social. [...] Mas quero dizer que ele dá a cada homem a independência e os meios pelos quais ele pode resistir ao egoísmo dos outros homens. Ele faz melhor do que para desarmar os pobres de sua hostilidade para com os ricos: [ela o] impede de ser pobre²⁷.

Mann vê a educação como único verdadeiro instrumento de autonomia e independência do ser humano em face de um nascente expansionismo estadunidense que cada vez mais que participar do jogo internacional do poder. Como veremos a seguir, Ellen White vai se apropriar, dentre outros, das ideias gerais do Oberlin College e de Mann a partir de sua percepção judaico-cristã arraigada desde sua juventude. Contudo, aplicação que ela fará desses conceitos será mais ampla, em vários sentidos.

3 A proposta whiteana de educação integral

Ao longo de quase noventa anos de existência, Ellen White, mesmo sem terminar sua educação formal, escreveu muito sobre os mais diversos temas. Apesar de sua dificuldade inicial, quando de sua morte, sua biblioteca pessoal contava com mais de 1.500 volumes. Não é nossa intenção, nesse artigo, abordar os meios e recursos que a levaram a tão prolífico trabalho, mas “tão-somente” abordar o tema específico da educação em seus escritos. Deve-se dizer, a título de explicação inicial, que ela não foi uma escritora sistemática²⁸ e, portanto, não pretendeu erigir novos conceitos ou métodos a partir da teorização daquilo que vivenciou. Antes disso, ela pareceu ver, além das mazelas humanas, aquilo que o ser humano pode ser quando inserido sob os fundamentos da daquela doutrina que julga ser a única verdadeiramente transformadora e redentiva – a judaico-cristã aplicada à vida integral.

²⁷ MANN, Mary (Ed.) **Life and Works of Horace Mann** Vol. III, Boston: Horace B. Fuller, 1868, p. 669. Confome o original: “Education, then, beyond all other devices of human origin, is the great equalizer of the conditions of men, — the balance-wheel of the social machinery. I do not here mean that it so elevates the moral nature as to make men disdain and abhor the oppression of their fellow-men. This idea pertains to another of its attributes. But I mean that it gives each man the independence and the means by which he can resist the selfishness of other men. It does better than to disarm the poor of their hostility towards the rich: it prevents being poor.” (A tradução é nossa)

²⁸ Assim sendo, em muitas variadas obras podem ser encontrados textos relativos a educação como um todo, fazendo desta busca um verdadeiro esforço pessoal e acadêmico para o pesquisador, embora possam ser encontrados livros originais e compilações acerca do tema, como se verá logo abaixo.

Partindo dessa premissa, ela certamente leria com precaução a já citada passagem oracular de Nietzsche que afirma que “o homem é algo a ser superado” visto que para ela o homem, enquanto criatura é insuperável, pois foi feito à imagem e semelhança de um Criador que é perfeito. Contudo, carece este homem de libertação física, moral e espiritual. Ao conhecer, já nos primórdios da história da humanidade o “bem e o mal²⁹” e tendo este se introjetado à raça humana, o Homem de todas as épocas nasceu e mesmo hoje nasce em e sob pecado. Visto sob este aspecto, ela contradiz a teoria clássica de Rousseau e, portanto, já nasce o Homem necessitando ser libertado e, em última análise – espiritual – redimido. É precisamente sob essa premissa que todos os seus escritos sobre educação devem ser depositados. Afinal, “toda cultura e educação que o mundo pode oferecer, fracassarão em fazer de um degradado filho do pecado, um filho do Céu. A energia renovadora precisa vir de Deus”.³⁰

O ápice de seus textos educacionais provavelmente se encontra na obra de sua velhice, “Educação”, de 1903. “Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes”, compilação de 1913 e “Conselhos sobre Educação” de 1893-4 são as outras obras que compõem seus textos sobre o assunto. Este último livro traz os textos já publicados nos vastos volumes conhecidos por *Testimonies*, ou “Testemunhos para a Igreja”, em nove volumes, publicados entre 1855 e 1909. Seu primeiro texto publicado surgiu em 1851 embora remonte a dezembro de 1844. Sua morte, como já abordado, aconteceu em 1915. Percebe-se claramente aqui que o tema “educação” lhe foi caro durante grande parte de sua vida. Ainda – novamente – a preponderância indisfarçável de Ellen White sobrecarregou a temática religiosa aplicada às áreas específicas da vida. Afinal, segundo ela, o homem faz parte de um grande conflito cósmico perpetrado por seres antagônicos que representam o bem e o mal. Cabe ao homem tomar partido nesse conflito, estando capacitado a percebê-lo e combatê-lo empreendendo todos os seus esforços³¹. Daí decorre,

²⁹ Conforme o texto bíblico disposto em livro de Gênesis, capítulo 3, verso 5.

³⁰ WHITE, Ellen. **Christ's Object Lessons**. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1941, p.96. Conforme o original: “All the culture and education which the world can give will fail of making a degraded child of sin a child of heaven. The renewing energy must come from God”.

³¹ Diz ela: “Necessitamos entender mais claramente o que está em jogo no grande conflito em que nos achamos empenhados. Precisamos compreender com mais plenitude o valor das verdades da Palavra de Deus, e o perigo de permitir que nosso espírito seja delas desviado pelo grande enganador. WHITE, Ellen. **The Ministry of Healing**. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1942, p.451. Conforme o original: “More clearly than we do we need to understand the issues at stake in the great conflict in which we are engaged. We need to understand more fully the value of the truths of the word of God and the danger of allowing our minds to be diverted from them by the great deceiver”.

fundamentalmente, a importância daquilo que ela chamou de “verdadeira educação”, “mais que uma preparação para a vida³²”. Educação esta que:

inclui todo o ser. A verdadeira educação inclui todo o ser. Ela ensina o devido emprego do próprio eu. Habilita-nos a fazer o melhor uso do cérebro, ossos e músculos; do corpo, mente e coração. As faculdades do espírito são as mais elevadas potências; têm de governar o reino do corpo. Os apetites e paixões naturais devem ser sujeitos ao domínio da consciência e das afeições espirituais³³

Embora ao leitor que pela primeira vez esteja entrando em contato com o pensamento de Ellen White, esta possa parecer um tanto fanática (ao sugerir um conflito cósmico que muito primariamente pode ser visto quase ao sabor de Maniqueu). Mais do que isso: quem sabe ela possa parecer altamente dominada pelas ideias religiosas de um tempo limiar entre a explosão desmesurada do conhecimento científico e a “alta crítica” aplicada a religião, preferindo estar firmemente atrelada ao contato pessoal com a Divindade. Assim mesmo, suas propostas pedagógicas “estavam em harmonia com as ideias da reforma educacional de seu tempo³⁴”. Suas críticas contundentes ao uso extremo da memória como método eficiente de aprendizagem, afirmando que assim o aluno teria sua mente enfraquecida³⁵ e sua ênfase à aplicação prática do aprendizado³⁶ (embora ela absolutamente não fosse pragmática em seu pensamento filosófico, por assim dizer) constituem apenas dois exemplos que em si mesmos não encerram sua concordância com seus contemporâneos mais vanguardistas.

³² Segundo ela: “É muito mais do que a preparação para a vida presente. Visa o ser todo, e todo o período da existência possível ao homem. É o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para a satisfação do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro”. WHITE, Ellen. **Education**. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1952, p.13. Conforme o original: “It means more than a preparation for the life that now is. It has to do with the whole being, and with the whole period of existence possible to man. It is the harmonious development of the physical, the mental, and the spiritual powers. It prepares the student for the joy of service in this world and for the higher joy of wider service in the world to come.” (Essas palavras introduzem o citado livro).

³³ WHITE, 1942, p.398-399. De acordo com o original: “True education includes the whole being. It teaches the right use of one’s self. It enables us to make the best use of brain, bone, and muscle, of body, mind, and heart. The faculties of the mind, as the higher powers, are to rule the kingdom of the body. The natural appetites and passions are to be brought under the control of the conscience and the spiritual affections”.

³⁴ KNIGHT, George. **Myths in Adventism: An Interpretative Study of Ellen White, Education, and Related Issues**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 2009, p. 35.

³⁵ WHITE, 1952, p. 230.

³⁶ WHITE, 1952, p. 232.

O ponto em que ela vai além desses autores reside no fato dela direcionar todas essas práticas mais para cima, para uma outra esfera, só possível a partir de uma vida de obediência aos ditames escriturísticos. Escreveu Ellen White:

A verdadeira educação não desconhece o valor dos conhecimentos científicos ou aquisições literárias; mas acima da instrução aprecia a capacidade, acima da capacidade a bondade, e acima das aquisições intelectuais o caráter. O mundo não necessita tanto de homens de grande intelecto, como de nobre caráter. Precisa de homens cuja habilidade seja dirigida por princípios firmes³⁷.

Por esse motivo, sua sugestão é que, sempre que possível, os filhos dos pais que com ela concordassem não fossem matriculados em escolas públicas:. Afinal, “acaso recebem nossas crianças dos professores da escola pública ideias em harmonia com a Palavra de Deus?³⁸”. Eis aí, dentre certamente outras, a primordial diferença entre ela e os outros, nacionalistas e tomados tão-somente pela educação como mais alto ideal democrático, fato que genericamente a insere muito mais como uma escritora denominacional, ainda pouco estudada na academia por seu caráter finalista ultrapassar a esfera pública da educação escolar.

Contudo, o que especificamente, era a educação para ela? Simplesmente a “mais bela obra já empreendida por homens e mulheres³⁹” e

abrange mais que mero conhecimento de livros. Envolve tudo quanto é bom, virtuoso, justo e santo. Compreende a prática da temperança, da piedade, bondade fraternal, e amor para com Deus e de uns para com os outros. A fim de atingir a esse objetivo, é preciso dar atenção à educação física, mental, moral e religiosa da criança⁴⁰

4 Conclusão

³⁷ WHITE, 1952, p. 225. Conforme o original: “True education does not ignore the value of scientific knowledge or literary acquirements; but above information it values power; above power, goodness; above intellectual acquirements, character. The world does not so much need men of great intellect as of noble character. It needs men in whom ability is controlled by steadfast principle”.

³⁸ WHITE, Ellen. **Conselhos sobre Educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002, p. 179.

³⁹ WHITE, Ellen. **Testimonies for the Church**. Vol 3.. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948, p.131. Conforme o original: “It is the nicest work ever assumed by men and women to deal with youthful minds.”

⁴⁰ WHITE, 1948, p. 131. Conforme o original: “This embraces more than merely having a knowledge of books. It takes in everything that is good, virtuous, righteous, and holy. It comprehends the practice of temperance, godliness, brotherly kindness, and love to God and to one another. In order to attain this object, the physical, mental, moral, and religious education of children must have attention.

Este pequeno texto, conforme pretendido, teve como intuito contextualizar e introduzir em linhas gerais o pensamento educacional de Ellen White. Certamente há muito mais a ser dito sobre o assunto, servindo essas linhas como um referencial para futuras e maiores pesquisas sobre o tema. De todo modo, fica manifesto aqui seu desejo de ver a educação, principalmente de crianças – mas não só – ultrapassar o meramente desejável à formação genérica “universal” de uma nação de acordo com os ditames de seu tempo. Muito mais do que isso, seu desejo era utilizar a Bíblia Sagrada, regra moral, aplicada ao mais moderno desenvolvimento pedagógico de seu tempo para efetivamente transformar e restaurar o Homem em todos os seus aspectos, tanto para agora, em sua atual existência, quanto para sua outra vida, em diferente plano. Dessa forma, concorda Ellen White com o pedagogo reformador Comenius, que afirmou que “esta vida não passa de uma preparação para a eterna⁴¹”. Concordaria também com Freire, que visualizava o ensinar com “apreensão da realidade”, “alegria e esperança” e “convicção de que a mudança é possível⁴²”. Sem esses elementos, a “verdadeira educação”, no conceito whiteano não seria alcançada. Portanto, sua premissa geral encontra eco desde a Reforma até os dias atuais, a partir dos mais conceituados pedagogos.

De tudo, conclui-se que, sem deixar de lado o estudo metódico aliado à pesquisa e prática, segundo Ellen White a educação primariamente visa “compreender quatro coisas sobre o homem: a sua natureza original, o propósito de Deus, a mudança que ocorreu na condição Humana na Queda e o plano de Deus para ainda cumprir⁴³”. A partir dessa bem estabelecida base, e só então, estará o Homem preparado para fazer excelente uso dos conhecimentos cotidianos, buscando cada vez mais seu aprimoramento e transformação pessoal e social. Eis a educação holística de Ellen White: competência espiritual, moral, física e intelectual em equilíbrio com Deus e suas criaturas na busca por um mundo melhor aqui e depois.

Referências

⁴¹ COMENIUS. **Didática Magna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.49.

⁴² Temas abordados em: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p.68-83.

⁴³ KNIGHT, 1999, p.49

BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do século XX**. São Paulo: Fundamento Educacional, 2008

COMENIUS. **Didática Magna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997

DOUGLASS, Herbert. **Mensageira do Senhor: o ministério profético de Ellen G. White**. 3ª. Edição. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003

FERRARI, Márcio. **Maria Montessori**: Segundo a visão pedagógica da pesquisadora italiana, o potencial de aprender está em cada um de nós. Disponível em <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/maria-montessori-307444.shtml>. Acessado em 1 de fevereiro de 2012

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996

GREENLEAF, Floyd; SCHWARZ, Richard W. **Portadores de Luz**: História da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2009

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **Entre amadorismo e profissionalismo**: as tensões da prática histórica no século XIX. In: Topoi - Revista de História do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ. Rio de Janeiro, dezembro 2002

HOBBSAWN, Eric John. **A Era do Capital**. São Paulo: Paz e Terra, 2000

_____. **Era dos extremos**: o breve século XX 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995

JAEGER, Werner. **Paideia**: los ideales da la cultura griega. México: Fondo de Cultura Económica, 2001

JEDAN, Dieter. **Theory and Practice**: Johann Heinrich Pestalozzi. Vitae Scholasticae, vol. 9, 1990

KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 1999

KARNAL, Leonardo (et al.) **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2008

KEPPEL, Francis. **A Revolução Necessária na Educação Americana**. Rio de Janeiro: Forense, 1970

KNIGHT, George R. **Ellen Whites World**: a fascinating look at the times in which she lived. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1998

_____. **Myths in Adventism**: An interpretative Study of Ellen White, Education, and Related Issues. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 2009

MANN, Mary (Ed.) **Life and Works of Horace Mann** Vol. III, Boston: Horace B. Fuller, 1868

MONTESSORI, Maria. **Education for a New World**. Santa Barbara: ABC Clio, 1989

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falava Zaratrusta**: um livro para todos e para ninguém. São Paulo, Escala, 200-

NOLL, Mark. **A History of christianity in the United States and Canada**. Grand Rapids, Michigan: Willian B. Eerdmans Publishing Company, 1992

TILLICH, Paul. **Teologia da Cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009

WHITE, Ellen. **Christ's Object Lessons**. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1941

_____. **Conselhos sobre Educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002

_____. **Counsels on Diet and Foods**, 1938. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1976

_____. **Education**. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1952

_____. **Testimonies for the Church**. Vol 3.. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948

_____. **The Ministry of Healing**. Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1942

_____. **Vida e Ensinos**. 10ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000